

# **A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária**

Francisco Foot Hardman

## **1. Anfiteatro amazônico: gênese incompleta**

Franklin Távora, no famoso prefácio-manifesto naturalista de seu romance *O Cabeleira* (1876), ao propor uma “Literatura do Norte” como movimento necessário a uma maior autenticidade da produção literária nacional, fala-nos pouco de Pernambuco e do Nordeste, palcos privilegiados de suas novelas históricas. Discorre muito mais sobre a Amazônia, sobre sua grandeza e complexidade quase irrepresentáveis, embora, assim argüísse, fosse desejável encarar o desafio dessa representação, não só na vida artística como no conhecimento científico e na economia política, já que o processo civilizatório e as leis do progresso assinalavam ali, com o *boom* da indústria extrativa do látex e da navegação a vapor, como o marco de frente das futuras fronteiras de expansão do capital em escala planetária.

Claro, o termo Norte, naquelas alturas, abrigava indistintamente todas as províncias nordestinas e nortistas do Brasil. Mas é sintomático, no documento literário em pauta, que o autor cearense, ao lançar esse manifesto, evoque em primeiro plano as paisagens da Amazônia que conhecera poucos anos antes, como secretário do governo da província do Pará, e de que afinal nunca tratará diretamente em seus romances regionalistas, fixando-a assim como um mundo ainda à parte, objeto do nosso sonho civilizatório – o que incluiria sua representação literária, sua incorporação à cultura letrada nacional – mas de todo modo um território distante, remoto no tempo e no espaço, envolto no mistério de seus rios, florestas, línguas “sem história”, enfim, no império de uma violência naturalizada, na fúria ancestral de uma natureza indômita.

Começamos com este exemplo, porque nos parece ilustrativo de um paradigma que tem predominado, com pequenas variações, nas representações literárias sobre a Amazônia, tomada como um dos últimos e grandiosos refúgios do exotismo aquático-vegetal e do mistério de culturas humanas pré-históricas de vestígios não-monumentais no Brasil e no

mundo. Mas hoje quase ninguém se preocupa com a obra de Franklin Távora, a não ser alguns poucos professores *démodés*. O que sugerimos não é sua possível “influência”, de resto discutível, mas certamente a representatividade dessa visão, seu lastro de lugar-comum nos relatos e ficções que elegeram a região amazônica como seu tópico central.

E isso, acreditamos, deve valer tanto para o Brasil, como para os demais países sul-americanos amazônicos (quantas vezes esquecemos que a Amazônia é, por natureza e cultura, geografia e história, internacional!), vale dizer, Guiana Francesa (mesmo que departamento ultramarino francês, sua condição amazônica pode ser vista especificamente), Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Na impossibilidade de estender a análise desse argumento aqui, vamos apenas sugerir a persistência dessa visão da natureza amazônica violenta e bárbara em alguns autores/obras de nossa melhor vizinhança. Entre eles, a obra-prima *La vorágine* (1924), do romancista colombiano José Eustasio Rivera, talvez a matriz ficcional de maior repercussão na literatura latino-americana do século XX, na direção dos arquétipos de que tratamos. Lembremos, a propósito, que por volta de 1935, essa obra já estava traduzida pela primeira vez no Brasil, acompanhando a onda explosiva da produção e edição de romances entre nós, naquela década.

Entre fontes mais antigas, é certo que a literatura de cronistas e viajantes, desde o século XVI, ao erigir o “real-maravilhoso” como matéria-prima temática de suas construções sobre a Amazônia, constituiu acervo considerável de elementos passíveis de serem apropriados e retraduzidos, já no século XIX, por toda a literatura ficcional, do romantismo aos vários modernismos, a partir pelo menos de 1870. Poderíamos lembrar, entre autores-viajantes, na plêiade de exploradores e naturalistas que, entre os Setecentos e os Oitocentos, repercutiram depois em autores brasileiros, de Rodrigues Ferreira, Bates, Wallace, Castelnau, Coudreau, casal Agassiz, Chandless etc. Seria vetada, em princípio, a menção a Humboldt, que foi proibido pelas autoridades coloniais portuguesas de atravessar a bacia do Orenoco, pelo rio Cassiquiare, e adentrar a bacia do Amazonas, pelo rio Negro. Mas o peso do autor-viajante germânico foi decisivo, seja pela forte recepção de sua obra no imaginário e relatos de autores de nossos países vizinhos, seja pelas leituras diretas e indiretas certamente dele feitas no Brasil.

Mas se nos fosse dado escolher, entre tantos viajantes que percorreram a Amazônia, algumas vozes especiais, que se diferenciam por maior sensibilidade em relação às culturas autóctones, que são mais “artísticas” que “científicas” em suas representações, mencionaríamos, além do filósofo, desenhista e poeta norte-americano William James, que acompanhou a expedição dos Agassiz nos anos 1865-66<sup>1</sup>, a experiência singular que se apreende nos relatos e desenhos do francês Paul Marcoy (1815-1888) e nos ensaios e vocabulários do italiano Ermanno Stradelli (1852-1926).

De Paul Marcoy, ficaram as narrativas de sua *Voyage à travers l’Amérique du Sud, de l’Océan Pacifique à l’Océan Atlantique* (1869, 2 v.), empreendida entre os anos 1846-47, mas com prolongamentos e novas estadias pelo menos até 1860. De espírito aventureiro e nada especialista, Marcoy, em suas divagações e desenhos, expõe-nos uma Amazônia cujo legado indígena havia sido precocemente destruído. A inexistência de objetivo deliberado e a lentidão com que traça seus registros, de resto precisos, são a marca diferenciadora de seu relato<sup>2</sup>. Já de Stradelli, são muitos seus trabalhos, incluindo vocabulários indígenas, estudos sobre mitos e sobre as inscrições nas itacoatiaras da região dos Uaupés, em que o explorador percebe outros possíveis liames entre pensamento, imaginação e linguagem nas culturas amazônicas tradicionais<sup>3</sup>.

Entre o final do século XIX e início do XX, aparecem várias narrativas ficcionais amazônicas no Brasil. Entre outras, vale ressaltar, da obra do paraense Inglês de Sousa, para além de seus romances em chave realista-naturalista (*O cacaulista*; *História de um pescador*; *O coronel sangrado*; *O missionário*, publicados entre 1876-91), seus *Contos amazônicos* (1893), de muita vivacidade, captando cenas da memória popular na região natal do autor, em torno a Óbidos, inclusive da Guerra da Cabanagem, em

---

<sup>1</sup> A esse propósito, a historiadora Maria Helena Machado, da USP, acaba de editar o interessantíssimo volume *Brazil through the eyes of William James: letters, diaries and drawings, 1865-1866*.

<sup>2</sup> Recentemente, foi publicada entre nós a “parte brasileira” da expedição de Marcoy, em edição traduzida e anotada cuidadosamente por Antonio Porro. Cf. Marcoy, *Viagem pelo rio Amazonas*.

<sup>3</sup> A melhor apresentação e homenagem ao viajante italiano ainda está em Luís da Câmara Cascudo: *Em memória de Stradelli*.

que se entremeiam tapuios, caboclos e cabanos em resistência cultural contra os potentados locais. O também paraense de Óbidos e crítico José Veríssimo escreveu obras importantes sobre a região, como *Cenas da vida amazônica* (1886) e *A pesca na Amazônia* (1895), este último verdadeiro manifesto ecologista *avant la lettre*.

Tal enumeração prossegue com acúmulo crescente de títulos ao longo do século XX. De Euclides da Cunha a Ferreira de Castro e a Márcio Souza, de Alberto Rangel a Dalcídio Jurandir e a Milton Hatoum, parece que o realismo naturalista predomina como chave estética da representação literária da Amazônia no Brasil. E na literatura hispano-americana, o espectro de *La vorágine* ganha foros de matriz figuradora de várias novelas amazônicas ulteriores, como *Los pasos perdidos* (1953), do cubano Alejo Carpentier, *La casa verde* (1966) e *Pantaleón y las visitadoras* (1973), do peruano Mario Vargas Llosa, para não falar do ciclo de relatos ficcionais do marinheiro Maqroll, protagonista da lavra do colombiano Álvaro Mutis, entre eles as narrativas de *La nieve del Almirante* (1986) e *Un bel morir* (1989), já que no labirinto humano-geográfico entre a cordilheira e o mar, há sempre a selva e o rio. O título de *Un bel morir* repercute, mais de sessenta anos depois, o motivo nuclear e trágico do naufrágio fluvial dos personagens tragados por um redemoinho, segundo o narrador-viajante Arturo Cova, em *La vorágine*:

La visión frenética del naufragio me sacudió con una ráfaga de belleza. El espectáculo fue magnífico. La muerte había escogido una forma nueva contra sus víctimas, y era de agradecerle que nos devorara sin verter sangre, sin dar a los cadáveres livores repulsivos. ¡Bello morir el de aquellos hombres, cuya existencia apagóse de pronto, como una brasa entre las espumas, al través de las cuales subió el espíritu haciéndolas hervir de júbilo!<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Rivera, *La vorágine*, pp. 102-3, grifos nossos. Cf. tradução brasileira de Reinaldo Guarany, em *A voragem*, pp. 115-6: “A visão do naufrágio sacudiu-me com uma rajada de beleza. O espetáculo foi magnífico. A morte havia escolhido uma nova forma contra as suas vítimas e era de agradecer-lhe pelo fato de nos devorar sem verter sangue, sem dar aos seus cadáveres livores repulsivos. Belo morrer o daqueles homens, cuja existência apagou-se de súbito, como uma brasa entre as espumas, através das quais o espírito subiu, fazendo-as ferver de júbilo!”.

Mas, além da literatura dos viajantes que essa vertente veio depois ficcionalizar ao extremo, como não lembrar aqui da literatura fantástica e da ficção científica, remontando-se obrigatoriamente à experiência radical do sublime romântico nesse conto soberbo de Edgar A. Poe que é “A descent into the Maelström” (1841), passando-se pelo metafórico *La jangada: 800 lieues sur l’Amazonne* (1881), de Jules Verne, que por sinal cita e homenageia Poe em diversas passagens, e culminando-se nesse outro compósito de mitos populares, fantásticos e científico-ficcionais sobre a Amazônia naquela virada de século que é o romance *The lost world* (1912), de A. Conan Doyle?

Como negar essa insinuação do mistério exótico, folclorizante e da hiper-brutalidade das forças naturais em obras como as de Gastão Cruls, por exemplo, nesse *must* de público que é o romance *A Amazônia misteriosa* (1925)? Ou a digressão jornalístico-popular em narrativas que entremeiam ficção e crônica, como nas obras do belenense radicado em Manaus, Raimundo Morais (1875-1941), jornalista e comandante de *vaticanos* e *gaiolas* (embarcações de transporte fluvial na bacia do Amazonas), desde outro amplo sucesso editorial que foi seu *Na planície amazônica* (1926), até *País das pedras verdes* (1931), *Anfiteatro amazônico* (1936), *Ressuscitados: romance do Purus* (1939) ou *Cosmorama* (1940)? E que dizer de Peregrino Júnior (1898-1983), potiguar que viveu parte da juventude em Belém, jornalista e médico, autor que reuniu em *A mata submersa e outras histórias da Amazônia* (1960), contos e crônicas produzidos desde os anos 20?

Todos esses *links* de homologias nos parecem cabíveis. Arriscaríamos ir um pouco além: difícil mesmo, para o crítico contemporâneo, seria não enxergar as similitudes dessa linhagem fantasista, folclorista, com laivos de crônica ficcionalizada e de lirismo fantástico, em obras-primas do modernismo paulista, como *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, e *Cobra Norato* (1931), de Raul Bopp, tentativas em boa parte bem sucedidas de domesticar algumas imagens do primitivismo, seja pelo humor satírico, seja pelo apelo ao lúdico e a certo imaginário “infantil-indigenista”. A violência, sublimada, tresanda em melancolia. Em uma vida perdida na constelação Ursa Maior, em Mário, ou simplesmente no retorno da paisagem arruinada, em Bopp:

Esta é a floresta de hálito podre  
parindo cobras

Rios magros obrigados a trabalhar  
A correnteza se arrepia  
descascando as margens gosmentas

Raízes desdentadas mastigam tudo

Num estirão alagado  
o charco engole a água do igarapé<sup>5</sup>

## 2. Inferno verde: apocalipse antes do fim

Na esteira de *A selva* (1930), do escritor português Ferreira de Castro, romance-denúncia das condições de semi-escravidão do trabalho nos seringais, surgiram, no Brasil, nos anos 1930, várias narrativas ficcionais de mesma temática, que lembravam, também a seu modo, tanto *La vorágine*, quanto os contos amazônicos de Alberto Rangel reunidos em *Inferno verde* (Gênova, 1908), prefaciado por Euclides da Cunha, e no excelente e menos conhecido volume *Sombras n'água* (Leipzig, 1913)<sup>6</sup>. Referimo-nos, por exemplo, aos romances amazônicos do jornalista, militante comunista, sociólogo e poeta belenense Abguar Bastos (1902-1995), *A Amazônia que ninguém sabe* (1930 – depois renomeado como *Terra de Icamíaba*, 1934), *Certos caminhos do mundo: romance do Acre* (1936) e *Safra* (1937); a *Terra de ninguém* (1934), “romance social da Amazônia”, do amazonense de Manicoré, Francisco Galvão (1906-1948); e a *Seiva* (1937), romance em mesma chave do diplomata belenense Osvaldo Orico (1900-1981).

A esse conjunto haveria que acrescentar, ainda nos anos 1920, os escritores cearenses Carlos de Vasconcelos, autor de *Deserdados* (1921), romance-saga pioneiro da vida nos seringais; e Alfredo Ladislau, com *Terra imatura* (1923), quadros ensaístico-ficcionais apologéticos da planície amazôni-

<sup>5</sup> Bopp, “Cobra Norato”, p. 152.

<sup>6</sup> Sem falar em outra ancestralidade textual importante, a do artigo político feito por Euclides logo depois de sua volta da Amazônia, “Entre os seringais”, publicado no início de 1906 na revista *Kosmos*, e que pode ser lido como libelo radical contra o sistema capitalista de extração da borracha.

ca, que poderiam se irmanar aos sonetos telúricos coevos de José Eustasio Rivera, em *Tierra de promisión* (1921), traçado poético-paisagístico de imagens que logo depois lhe serviriam de material para *La vorágine*. Essa reiteração parece marcar a tentativa de consolidar a figuração literária naturalista da região amazônica, no contexto do Estado nacional e da sociedade brasileira, cerca de seis décadas depois do prefácio-manifesto de Franklin Távora.

Será, no entanto, com o escritor, jornalista e militante comunista Dalcídio Jurandir (1909-1979), natural da ilha de Marajó, que essa representação romanesca na trilha realista conhecerá estabilidade temática, equilíbrio estético e continuidade histórica. De seus onze romances, dez versam sobre a Amazônia, constituindo o que foi chamado de ciclo do Extremo Norte, com narrativas em cenários da ilha de Marajó, além do interior do estado do Pará e de Belém, começando com o premiado *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e terminando com *Ribanceira* (1978), intercalados, entre outros, por *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958) e *Belém do Grão-Pará* (1960). Em Dalcídio, a lentidão dos ritmos equatoriais adquire textura, sem concessões ao pitoresco. Por outro lado, o peso de uma natureza aquática, presente em especial na hidrografia e na pluviometria, fazem-se sentir nas palavras e nas horas. Seus personagens possuem papéis sociais bem definidos. Mas seus romances não se “nacionalizaram” como os de escritores nordestinos, isto é, permaneceram à margem, no rodapé da história literária brasileira, como caso exemplar de um regionalismo de boa qualidade. Somente muito recentemente passou a ser relido e reeditado. O crítico paranaense Temístocles Linhares foi das raras vozes a detectar sua importância<sup>7</sup>.

Cerca de duas gerações posteriores, a produção dos autores amazonenses Márcio Souza (1946-) e Milton Hatoum (1952-) têm-se destacado no panorama da prosa de ficção no Brasil contemporâneo. E representações da vida amazônica estão presentes, em diferentes registros e estilos, nas obras dos dois escritores<sup>8</sup>. Assim como diferentes impressões.

<sup>7</sup> Cf. Linhares, *História crítica do romance brasileiro*, pp. 40-1.

<sup>8</sup> Na impossibilidade de desenvolver aqui análise mais exaustiva das obras de M. Souza e M. Hatoum, remeto os leitores aos ensaios de minha autoria: “Morrer em Manaus: os avatares da memória em Milton Hatoum” e “*Revolta* – Na planície do esquecimento: a grande falha amazônica”.

Em Márcio Souza, se a verve satírica e folhetinesca da novela de estréia, *Galvez, o imperador do Acre* (1976), projetada inicialmente como roteiro cinematográfico e valendo-se ao mesmo tempo da rica experiência do autor na dramaturgia de um teatro político regional, atingiria talvez o máximo de seu teor transgressivo em um romance “desconstrucionista” como o é seu *O fim do Terceiro Mundo* (1990), em que se parodiam, entre outros modelos, a literatura dos viajantes, o mistério fantástico de Conan Doyle (*The lost world*) e as incursões macunaímicas de Mário de Andrade, tal método crítico-ficcional parece ter sido abandonado em sua produção romanesca mais recente. Esta, representada pela tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, em que se revisita a história da região amazônica no período 1780-1840, período em que se jogaram no tabuleiro das lutas coloniais, políticas e sociais as chances de um desenvolvimento autônomo daquele imenso território em relação ao recém-criado Estado do Brasil, revela projeto literário ambicioso e de fôlego, a julgar pelos três romances históricos dele até aqui resultantes: *Lealdade* (1997), *Desordem* (2001) e *Revolta* (2005). Pelo título anunciado do quarto e último romance dessa série (*Derrota*), já se vê que, no horizonte da tetralogia, está-se longe de qualquer visão regionalista edificante ou auto-complacente, muito ao contrário. Mas o rendimento estético e ideológico do conjunto parece padecer de certo anacronismo e carência de verossimilhança que são, a rigor, efeitos dos limites históricos concernentes ao próprio gênero romanesco privilegiado.

Em Milton Hatoum, se a memória narrada das raízes familiares árabes de imigrantes na Amazônia foi o grande trunfo da força de seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente* (1989), impasses crescentes nas posições dos narradores foram se acumulando nos romances seguintes, *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005), à medida que a experiência memorável queria ceder passo a certo afã de repor cada narrativa na tradição da “grande prosa realista”, de enquadrá-la na rota de fuga ao regionalismo, por medo e repulsa de provincianização. Mas, paradoxalmente, são ainda, a rigor, os velhos espectros do exotismo amazônico que alavancam boa parte da recepção nacional e internacional da obra de Hatoum. Embora seus narradores se arrastem e claudiquem, quase se rebelando em contar as histórias que talvez, como também em Márcio

Souza, não obstante suas escritas serem tão diversas, já não sejam possíveis de serem contadas nas convenções e modos até aqui tentados.

Como, no entanto, nenhum dos dois autores manauaras reivindica qualquer modalidade de ufanismo ingênuo ou interessado, bem ao revés, o que resta em sua prosa nesta nova virada de século é o travo melancólico, seja das derrotas históricas da região amazônica em Márcio Souza, seja das “cinzas do Norte” de toda uma geração, em Milton Hatoum. Seu trabalho de luto passaria, provavelmente, pelas ruínas anunciadas de Raul Bopp e Mário de Andrade, na hoje distante conjuntura de 1930. Poderia, igualmente, espelhar-se no vórtice maldito, na voragem eclipsante da selva de Eustasio Rivera, no labirinto infernal de suas “estradas” sem volta, de suas cidades-fantasmas, em que moradores-párias já não respondem como humanos: “No me sentieron, no se movieron. Parecíame haber llegado a un bosque de leyenda donde dormitaba la Desolación”<sup>9</sup>.

Desolação que assim se revela, sendo mais da história que da natureza, e que já tivera, entre outros, em Euclides da Cunha e Alberto Rangel, seus grandes observadores. Na crônica “Os *caucheros*”, inserida em *À margem da história* (1909), relatando passagem nos confins do Alto Purus, na fronteira peruana do Acre, durante sua viagem amazônica de 1905, Euclides relata sua chegada aos restos de um povoado, “ruinaria deplorável”, “tapera (quase) desabitada”, e seu encontro com “o último habitante”:

Esta cousa indefinível que por analogia cruel sugerida pelas circunstâncias se nos figurou menos um homem que um bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extratores – respondeu-nos às perguntas num regougo quase extinto e numa língua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esforço levantou um braço; estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma cousa que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aqueles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande peso:

“Amigos”.

Compreendia-se: amigos, companheiros, sócios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquelas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Rivera, *La vorágine*, p. 156 (*A voragem*, p. 176): “Não me perceberam, não se moveram. Parecia-me haver chegado a um bosque de lenda onde a Desolação cochilava”.

<sup>10</sup> Cunha, *Obra completa*, v. 1, p. 262.

Em “Sôbolos rios que vão”, prosa à moda de quadro, com tintas impressionistas e simbolistas, com que Alberto Rangel prefacia seu livro de contos *Sombras n'água*, sucedem-se imagens que remetem a algumas das figurações de que tratamos:

Das alturas aniladas do céu, estas grenhas mormacentas, rendadas de veios d'água, parecerão fungiformes: – um bolor imenso, ao fundo de uma cuba abandonada à humidade e à calma, entre os escarpamentos das antiplanuras do Brasil central, os das cordilheiras guianenses e ao algares andinos. Solidão! Solidão! – império da Morte onde a vida fervilha, por mais de cinco milhões de quilômetros quadrados... Alimenta-a e exaure-a essa formidável placenta ou cúpida ventosa, que uma e outra cousa pode ser este “máximo dos rios”...<sup>11</sup>.

Fugir dessa “voragem da história”, que teima em abreviar seu trabalho de “cúpida ventosa” antes que a promessa de “formidável placenta” se complete para os homens que ali erraram, no passado e no presente, por rotas perdidas e condenações antevistas, seria apostar numa tomada panorâmica, em plano horizontal, que poderia também resultar no desapontamento narrado por Euclides na abertura de seu ensaio “Terra sem história (Amazônia)”: “em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem-fim daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares”<sup>12</sup>.

Ou então, em plano vertical, do alto, tomada aérea em *plongée*, como a sugerida pelo escritor Raimundo Morais no ensaio introdutório de seu livro *Cosmorama*, num efeito deformante inseparável do advento dos aviões, que torna a natureza e a história planas, a geologia e a arqueologia indecifráveis:

Desmancharam-se-lhe na retentiva ocular as escadas pétreas das cachoeiras, apaineladas e ornamentadas de panejamentos ingênuos, cheios de inscrições rupestres. Ao mesmo tempo que isto sucedia, tombavam também imprevisivelmente as colunas geológicas, através de cujas camadas telúricas se liam as idades da terra, os seus ciclos milenares, as suas catástrofes e a cambiante metamórfica de sua alma lítica<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Rangel, *Sombras n'água*, pp. 30-1.

<sup>12</sup> Cunha, “Impressões gerais”, em *Obras completas*, p. 223.

<sup>13</sup> Morais, *Cosmorama*, p. 8.

O problema das representações em “grande angular”, horizontal, vertical ou perpendicular – e os autores citados parece que foram em parte conscientes disso, mesmo que incorrendo nessas tomadas –, é que se perca nelas o movimento do caos. Então, não há jeito. O método é o da descida ao “inferno verde”, no sentido cordilheiras-planície (ou serras-planície), no sentido dos rios, e da selva. O Acre desponta como este ponto extremo, não só do Brasil a noroeste, mas da humanidade nos quatro quadrantes. É aqui o fim da linha e das ilusões, o fim do “terceiro mundo”, ou quem sabe também o começo de tudo. Depende da vontade política, no sentido mais amplo, dos povos da floresta. Depende que o resto do mundo, nós, entendamos a gravidade da coisa e a necessidade de recolher a Amazônia das margens arruinadas do planeta e da história, e de trazê-la não só à memória e ao coração, mas à cabeça e à ação. Eis aqui a fronteira do que não foi; eis aqui a fronteira do que é, em sendo, um incerto vir-a-ser<sup>14</sup>.

### Referências bibliográficas

- BOPP, Raul. “Cobra Norato”, em MASSI, A (org.). *Poesia completa*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: EdUSP, 1998.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Em memória de Stradelli*. 3ª. ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; Valer, 2001.
- CUNHA, Euclides da. “Entre os seringais”. *Kosmos*, nº. 1, ano III. Rio de Janeiro, jan. 1906.
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966. v. 1.
- HARDMAN, Francisco Foot. “Morrer em Manaus: os avatares da memória em Milton Hatoum”. *Tempo brasileiro*, nº. 141. Rio de Janeiro, 2000, pp. 5-15.
- \_\_\_\_\_. “Morrer em Manaus: os avatares da memória em Milton Hatoum”. *Letterature d’America*, v. XIX-XX, nº 83-84. Roma, 2000, pp. 147-60.

---

<sup>14</sup> O Núcleo de Estudos da Amazônia da UnB organizou, em boa hora, a Expedição Humboldt, no ano 2000, coordenada, na parte histórico-social, por Victor Leonardi. Seus resultados começam agora a ser divulgados. Duas outras importantes contribuições de V. Leonardi para uma visão contemporânea da questão amazônica podem ser encontradas nos seus ensaios: *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira* e *Fronteiras amazônicas do Brasil: saúde e história social*.

- \_\_\_\_\_. “Revolta: Na planície do esquecimento: a grande falha amazônica”. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, (19), 2005, pp. 96-117.
- LEONARDI, Victor. *Fronteiras amazônicas do Brasil: saúde e história social*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Marco Zero, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: UnB/Paralelo 15, 1999.
- LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987, v. 2. pp. 401-41.
- MACHADO, Maria Helena. *Brazil through the eyes of William James: letters, diaries and drawings, 1865-1866*. Trad. de John Monteiro. Cambridge, Mass.: David Rockefeller Center for Latin American Studies/ Harvard University, 2006. [Ed. bilíngüe].
- MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. de Antonio Porro. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto; Editora da Universidade do Amazonas, 2001.
- MORAIS, Raimundo. *Cosmorama*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.
- RANGEL, Alberto. *Sombras n'agua: vida e paisagens no Brasil equatorial*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1913.
- RIVERA, J. Eustasio. *La vorágine*. (org. por Juan Loveluck). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976. [1ª edição: 1924].
- \_\_\_\_\_. *A voragem*. Trad. de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

Recebido em junho de 2007.

Aprovado em junho de 2007.